

4 PRIMEIRO CADE



João Vieira Pereira

TEMPO DE ELOGIOS

A saída do tribunal, o advogado de Ricardo Salgado optou por usar as seguintes palavras para comentar a decisão de levar a julgamento o ex-banqueiro: "Era expectável." A tentativa de descrédito continuou com o advogado a considerar que a decisão instrutória é um "mero cumprimento de calendário" e que tem como objetivo "fingir que está tudo bem com a Justiça".

Se recuarmos ao verão de 2013, altura em que no Expresso começámos a investigar as contas do Grupo Espírito Santo e como este usava o Banco Espírito Santo para esconder as suas enormes debilidades financeiras, posso garantir que este desfecho era tudo menos expectável. Não só estamos a falar de uma das pessoas que na altura mais poder tinha em Portugal como as operações que foram desencadeadas eram de uma enorme complexidade financeira, envolvendo várias geografias, diferentes sistemas de justiça e uma opacidade natural.

Não tenho por hábito puxar pelos galões, mas, numa altura em que tantos adoram dizer mal do jornalismo, permitam-me lembrar que foi aqui, na redação do Expresso, onde escrevo estas palavras, que juntámos um grupo de jornalistas que investigou e colocou a nu as fragilidades do endividamento e do papel comercial do Grupo Espírito Santo. O Expresso foi o primeiro jornal, e durante algum tempo o único, a escrever sobre o assunto. Foi o Expresso que noticiou a falsificação das contas da Espírito Santo International, revelando o esquema elaborado pelo *commissaire aux comptes*, um dos 17 acusados que vão a julgamento. Foi esta investigação que destapou o uso indevido e fraudulento dos fundos do BESA (Banco Espírito Santo Angola), que provocou a derrocada desta instituição e ajudou à queda do BES. Ou revelou como a Portugal Telecom também era usada para financiar o GES. Pelo caminho denunciámos o envolvimento de Moraes Pires e Isabel Almeida, braços direito e esquerdo de Ricardo Salgado. E nos anos que se seguiram continuámos periodicamente, graças à participação em consórcios internacionais de investigação, a revelar acontecimentos, personagens e esquemas usados para esconder o rasto do dinheiro.

Todo este trabalho teria, contudo, sido inconsequente se não tivesse sido possível ao Ministério Público elaborar uma acusação histórica, repleta de pro-

vas suficientemente fortes para que o Tribunal Central de Instrução Criminal decidisse avançar com o julgamento de quase todos os acusados.

Mesmo tendo decorrido quase uma década, tempo a mais para que a Justiça funcione na sua plenitude, não é possível deixar de elogiar o trabalho feito. Depois do aparente falhanço da Operação Marquês em conseguir reunir provas contra José Sócrates, a acusação do BES era um teste decisivo à credibilidade do Ministério Público. Levar a julgamento Ricardo Salgado e os seus cúmplices, os verdadeiros mandantes da derrocada do Grupo Espírito Santo, não era um dado garantido. Este, sim, era o verdadeiro megaprocessos que, para ver a luz do dia, teve a ajuda do Banco de Portugal, da CMVM e de autoridades de vários países. E que se revestia de uma complexidade única que poucos acreditavam poder dar aos procuradores a capacidade de montar provas que permitisse acusação credível.

O BES caiu há nove anos. Fica cada vez mais claro perante a Justiça aquilo que já sabíamos. Ricardo Salgado agia de facto como o Dono Disto Tudo, encabeçando um grupo de mandantes que punha e dispunha dos bens do BES e dos seus funcionários para levar a cabo um intrincado esquema para tentar salvar da falência toda uma família.

Faliu o Grupo Espírito Santo, faliu o Banco Espírito Santo. Mas não faliu a Justiça. Desta vez.

Como grande parte das pessoas da minha geração, fui criado no seio de uma família católica. Tal como aconteceu a muitos, a Igreja foi-se afastando de mim mais do que eu dela. Não sou praticante pelo simples facto de nem crente ser. Mas tenho filhos que, por sua própria iniciativa, escolheram a Igreja Católica. Este pequeno preâmbulo serve apenas para enquadrar o que escrevo a seguir.

A Jornada Mundial da Juventude é um evento magnífico, que encheu as ruas, primeiro do país e depois de Lisboa, com ondas de pessoas vindas dos sete mares, por onde circulam com uma energia e alegria cativantes, cantam e desfilam a sua fé. Aos que decidiram fugir da capital tenho de dizer que estão a perder um espetáculo único. Aos críticos, que optaram por minimizar o evento com argumentos que escondem um preconceito enorme contra a Igreja Católica, espero que estejam a aprender algo.

jvpereira@expresso.imprensa.pt